



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Trabalho Profissional.

## SERVIÇO SOCIAL E COTIDIANO PROFISSIONAL: RELAÇÕES MAIS QUE PROFISSIONAIS

Douglas Alves dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O cotidiano profissional (e social) é um local cheio de vida. É no cotidiano que a história se constrói. O texto busca analisar a formação sócio-histórica brasileira em suas interações com a questão social (objeto de trabalho de assistentes sociais) e as expressões no cotidiano de vida dos sujeitos sociais que utilizam as políticas públicas pela mediação das nossas práticas socioinstitucionais.

**Palavras-chave:** Cotidiano Profissional; Serviço Social; Mediação.

**Abstract:** The daily professional (and social) is a place full of life. It is in daily life that history is built. The text seeks to analyze Brazilian socio-historical formation in its interactions with the social question (object of work of social workers) and the expressions in the daily life of the social subjects that use public policies through the mediation of our socio-institutional practices.

**Keywords:** Professional Daily Life; Social service; Mediation.

### INTRODUÇÃO

O cotidiano profissional (e social) é um local cheio de vida. São encontros e desencontros, afetos, sentimentos, experiências, transformações. São as relações sociais que se formam, na invisível trama social do cotidiano. É no cotidiano que a história se constrói. Suas particularidades e objetividades são movimentos únicos da construção da vida social.

Neste breve texto, com as contribuições dos escritos de CALVINO (2004) – Importância da leitura dos Clássicos, IANNI (1988 e 1992) - As bases da formação social brasileira, KOSIC (1995) - O desvendamento crítico da realidade, MARTINS (2000) - A sociabilidade do homem simples, e das contribuições de IAMAMOTO (2007 e 2017), MARTINELLI (2016) e YAZBEK (2009) para pensar o cotidiano profissional de assistentes sociais.

O texto busca analisar a formação sócio-histórica brasileira em suas interações com a questão social (objeto de trabalho de assistentes sociais), as expressões no cotidiano de vida dos sujeitos sociais que utilizam as políticas públicas pela mediação das nossas

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: douglas.alves.santos@hotmail.com.

práticas socioinstitucionais e vislumbrando possibilidades de realização do trabalho profissional numa perspectiva emancipadora.

Logo após essas considerações, procuraremos discorrer sobre a história e a relação do trabalho como ato político e transformador da sociedade, da (o) assistente social e seus desafios na contemporaneidade.

## **1. A HISTÓRIA E OS CLÁSSICOS**

A história é uma eterna escola sobre a qual o registro das vivências dos vários povos do mundo nos permite conhecer e desvendar novas experiências. Como nos mostra Calvino (1993), os clássicos são aqueles livros que estamos sempre relendo, pois, sempre que revisitamos essas páginas, encontramos-nos com uma descoberta nova e até mesmo uma melhor compreensão do seu conteúdo.

São clássicos os livros que constituem uma riqueza e suas releituras ajudam a reencontrar aquelas constantes que fazem parte dos nossos mecanismos interiores, aqueles que levamos em nossa bagagem da vida. Eles são inesquecíveis, tanto coletivos ou individuais.

Toda releitura de um clássico é uma descoberta. É um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Ele sempre nos traz uma surpresa em relação à imagem que tínhamos deles. Os clássicos nos ajudam a conhecer ou reconhecer algo que sempre soubéramos. Eles são livros “que, quanto mais pensamos por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1993, p.12).

Com a leitura do clássico, é estabelecida uma relação pessoal. Essa relação pode ser igualmente forte de oposição, de antítese. Muitas vezes ele serve para nos definir em relação e em contraste com ele.

Ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos. E o Serviço Social na história da sua formação acadêmica profissional também recorre aos clássicos em busca de bases teóricas para a sua atuação profissional.

Adentremos agora na discussão de alguns “clássicos” da nossa história brasileira.

## **2. SERVIÇO SOCIAL E A TEORIA MARXISTA**

“Ser radical é atacar o problema pela raiz. E a raiz, para o homem é o próprio homem” Karl Marx

Um marco importante no Serviço Social na América Latina ocorreu entre 1965 e 1975: o movimento de reconceituação, impulsionado pela intensificação das lutas sociais no continente que se refratavam na universidade, nas Ciências Sociais, na Igreja, nos

movimentos estudantis, com nítidas particularidades nacionais. O pensamento marxista foi de grande importância para o Serviço Social no Brasil.

Como aponta IANNI (1988), o pensamento de Marx pode ser considerado uma ampla reflexão sobre o capitalismo. As contribuições permitem conhecer condições de formação, reprodução e crise no mundo burguês, visto como um modo histórico, transitório.

O pensamento de Marx deve ser tomado como uma interpretação radical do mundo capitalista de produção, ao mesmo tempo, compreende e nega o capitalismo. Seu pensamento pode ser transformado em elemento ativo de relações entre pessoas, grupos ou classes sociais e, sua interpretação, em força social.

Sua teoria é uma crítica radical à sociedade capitalista. Seu pensamento é comprometido com a realidade. A análise do capitalismo é ao mesmo tempo, e necessariamente, a crítica de toda a sua interpretação. Para IANNI (1988):

A questão de saber se ao pensamento humano se pode atribuir uma verdade objetiva não é uma questão teórica, mas uma questão prática. É na prática que o homem deve demonstrar verdade, isto é, a realidade, o poder, a precisão do seu pensamento (IANNI, 1988 p.10).

O caráter crítico e radical da análise marxista, pode ser observado nos seguintes pontos: a crítica à dialética hegeliana, na qual Marx entra em contato com os problemas sociais quanto questões filosóficas e de método. Preocupa-se com a alienação do trabalho no capitalismo. Nasce sua preocupação com as relações do Estado e da sociedade civil, os indivíduos e as classes sociais. O resultado mais importante e revolucionário do pensamento hegeliano é a descoberta da dialética materialista, que indica uma inversão da dialética de Hegel.

Marx dá um salto ontológico no pensamento hegeliano, no qual o auto, toma a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro porque real, como resultado de seu próprio trabalho. “Ele apreende o trabalho como essência, como essência confirmada do homem; vê somente o lado positivo do trabalho e não seu lado negativo. O trabalho é o devir por si do homem, no interior da alienação, ou enquanto homem alienado” (MARX, apud IANNI, 1988). O homem é inserido no processo produtivo, ao mesmo tempo que produzindo-se.

Sem a dialética materialista não seria possível pensar e transformar o capitalismo, ela é um método de pensar e transformar o real.

Marx expressa a crítica marxista quanto à organização e à luta política da classe operária. Essas são suas descobertas revolucionárias: o materialismo dialético, a teoria da mais-valia e a teoria da luta de classes (IANNI, 1988, p.13).

“A obra de Marx, pois, não é apenas uma ampla e sistemática e demorada reflexão sobre o regime capitalista de produção, mas uma reflexão ao mesmo tempo crítica e revolucionária” (IANNI, 1988, p. 15).

Já podemos perceber que esse clássico do século XIX tem muito a nos ensinar neste século XXI. Para conhecer as relações reais entre as pessoas e as classes sociais, é necessário que a análise, demorada e obstinada, desvende as muitas aparências que a dissimulam.

A interpretação dialética é uma reflexão crítica e revolucionária ou prática-crítica. A crítica exprime indignação e revela que a pobreza em que vive o operário (e sua família) é produzida socialmente, no mesmo processo que produz a riqueza da burguesia. “A crítica dialética é importante e singular porque se constitui como elemento decisivo das relações sociais, ou surgir como momento de autoconsciência das condições antagônicas em que vive a classe operária” (IANNI, 1988, p.16).

No caso do Serviço Social, no início da década de 1970 ocorrem as primeiras aproximações com a tradição marxista. Esse momento é de grande importância para a profissão, pois, em direção à teoria crítico-dialética, foi fundamental para compreender as bases histórico-ontológicas que fundam a profissão com a intenção de construção de um projeto profissional que intente superar as técnicas pragmáticas e conservadoras que historicamente direcionaram o trabalho profissional.

### **3. COTIDIANO E A DIALÉTICA DO CONCRETO**

O mundo concreto é o mundo das interações sociais. A realidade não se apresenta aos homens à primeira vista sob o aspecto de um objeto que se possa analisar e compreender teoricamente. Apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade (KOSIK, 1995).

Nessa realidade, o indivíduo cria as suas próprias representações das coisas e elabora todo o sistema correlativo de noções que capta e fixa no aspecto fenomênico, através do qual realiza uma determinada práxis histórica. O conjunto de representações ou categorias do pensamento comum podem ser diferentes e, muitas vezes, contraditórias.

Por isso, a práxis utilitária e mediada e o senso comum a ela correspondente coloca o homem em condições de se orientar-se no mundo, familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporciona a compreensão das coisas e da realidade (KOSIK, 1995).

A práxis é fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais. Nessa práxis, “a aparência superficial da realidade é fixada como mundo da pretensão, intimidade, da confiança e da

familiaridade em que o homem se move naturalmente e com que tem se avir na vida cotidiana” (KOSIK, 1995).

Para o autor,

O complexo dos fenômenos que povoou o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana que com a sua regularidade imediatismo e evidência penetra na consciência dos indivíduos agentes assumindo um aspecto independente e natural constitui o mundo da pseudoconcreticidade. A eles pertence:

- O mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem a superfície dos processos realmente existenciais;
- O mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada dos homens (a qual não coincide com a práxis crítica revolucionária da humanidade);
- O mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos da consciência dos homens produto da práxis fetichizada formas ideológicas de movimento;
- O mundo dos objetos fixados, que são a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens; (KOSIK, 1995, p. 15).

O autor também afirma que “o mundo da pseudoconcreticidade é um claro e escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido”. O fenômeno indica a essência e ao mesmo tempo a esconde, sugerindo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contraditório (Idem).

A essência não se dá imediatamente, é mediata ao fenômeno, manifesta-se em algo diferente daquilo que é a essência e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Por isso, o fenômeno revela que a manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno.

Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível. A realidade é a unidade do fenômeno e da essência.

O profissional de Serviço Social tem na linguagem a expressão da nossa consciência e a atenta observação da realidade. Esses elementos são de suma importância para o desenvolvimento das nossas ações, pelas quais, observando o cotidiano, transformamos nosso conhecimento em ação.

As mediações realizadas nas nossas ações profissionais são “construções nossas” (advindas da nossa relativa autonomia profissional) e temos que nos reconstruir permanentemente, buscando alternativas que respeitem a liberdade de escolha das pessoas e que sejam ações transformadoras na realidade social. Nossas ações devem buscar a ruptura dos preconceitos, dos rótulos, dos fatalismos e dos messianismos contemporâneos.

A realidade só pode ser mudada de modo revolucionário na medida em que nós mesmos produzimos a realidade e na medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós (KOSIK, 1995, p.22-23).

#### 4. A IDEIA DO BRASIL MODERNO - A DIALÉTICA DA HISTÓRIA

Para IANNI (1992), a interpretação marxista da história da sociedade brasileira,

[...] lida-se principalmente com as relações e os processos e as estruturas que constitui as configurações sociais de vida [...] trata-se de deslindar os trabalhos e os dias, as formas de viver e trabalhar, de produzir e consumir, mandar e obedecer, ser e pensar que constitui explicam as épocas históricas conhecidas como colônia império e república (IANNI, 1992, p.51).

Assim, os fatos gerais e singulares adquirem vida e movimento. Tanto se revelam tensos, críticos e antagônicos, como ganham sentido, forma e posição.

Baseado nos escritos de Caio Prado sobre a formação da sociedade brasileira, são privilegiados três processos de envergadura histórica: o sentido da colonização, o peso do regime do trabalho escravo e a peculiaridade do desenvolvimento desigual e combinado. Esses processos se influenciam reciprocamente em diferentes modalidades conforme a época, o lugar e a ocasião.

Como nos mostra Ianni (1992),

Os desafios com os quais se defrontam os grupos e as classes sociais, em certas conjunturas, põem estas ou aquelas exigências sobre o presente e o passado em suas determinações recíprocas. Cada presente, a partir da perspectiva deste ou daquele grupo, desta ou daquela classe, pode suscitar o modo de resgatar o passado e imaginar o futuro (IANNI, 1992, p.54).

Boa parte da cultura em seus valores, padrões, ideias, doutrinas, explicações e ideologias, ficou vincada por essa determinação essencial, entre as formas de pensamento e as de ser, entre os modos de vida e trabalho, entre as formas de pensar, sentir e agir na contemporaneidade. O desenvolvimento desigual e combinado e a sucessão dos ciclos econômicos em acordo com o estravismo pecuário e da agricultura, a industrialização, resultou numa sucessão e combinação de formas as mais diversas e contraditórias de organização da vida e trabalho.

Prossegue o autor,

[...] a história brasileira, particularmente econômica, “é antes uma sucessão de episódios muito semelhantes, de ciclos que se repetem monotonamente no tempo e no espaço. E continuam repetindo”. Tem-se a impressão de que “o tempo se projetou aqui no espaço”. O passado parece não só múltiplo, diversificado, mas presente (IANNI, 1992, p.60, grifos no original).

Como aponta Ianni (1992), “a nossa história ainda é por isso em muitos casos uma atualidade”.

Todo esse movimento histórico de formação do Brasil produz uma transformação na constituição da dinâmica na sociedade brasileira e seus impactos são percebidos até os dias atuais.

No caso do Brasil, uma parte das forças da contrarrevolução nasceu precisamente dos compromissos das classes dominantes nacionais com as estrangeiras, por isso a revolução envolve a ruptura e o rearranjo nas relações externas (p.74).

A revolução social brasileira tem sua causa esboçada na diminuição e eliminação das desigualdades abertas e nas veladas, presentes nas relações das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais (p.75).

Concordamos com Ianni (1992), quando afirma que na história brasileira

Cabe superar os impasses produzidos por uma história de desenvolvimento desigual, contraditório e combinado no qual frequentemente predomina desagregação. Transformar o presente moderno, tornar o Brasil contemporâneo do seu tempo, e realizar as conquistas sociais, econômicas, políticas e culturais que atenda, a maioria do povo. É possível construir “uma organização um sistema econômico voltado essencialmente para a satisfação das necessidades” desse povo (IANNI, 1992, p.75, grifos no original).

Contam os desafios práticos e teóricos proporcionados pelas lutas sociais que se travam ao longo da história na sociedade brasileira. Trata-se de conhecer o tecido que articula a sociedade e o estado. É na interpretação da história da sociedade brasileira que lidamos com as relações, processos e estruturas que constituem as configurações sociais de vida.

## 5. O COTIDIANO E O HOMEM SIMPLES

“A história não acabou nem a esperança morreu”  
José de Souza Martins

Um dos complicados aspectos da sociedade contemporânea é certamente o advento da cotidianidade e, nela, de uma vida de desencontros entre o homem e sua obra.

A vida do homem simples é o seu cotidiano. Todos nós somos esse homem que não só luta para viver todos os dias, mas também para compreender um viver que lhe escapa, o “viver a vida de todo dia”. Saber como a história rompe na vida de todo dia é a questão que trava o embate a que se propõe: o de realizar do tempo miúdo da vida cotidiana as conquistas fundamentais do gênero humano – o herói desse medo é o Homem Comum.

“São os simples que nos libertam do simplismo, que nos pedem a explicação científica, mas consciente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta, que reveste no sentido visível e invisível” (MARTINS, 2000. p.13). É na vida cotidiana que a história se desvenda ou se oculta, e que não retira sua posição política. A própria simplicidade nos traz a complexidade. Como dizia o filósofo, “o simples contém o complexo”.

A vida social do homem simples e o seu cotidiano são atravessados por mecanismos de dominação e de alienação, que distorcem a sua compreensão da história e do seu próprio destino.

O que se propõe a vida de todos os dias do homem contemporâneo não é essa racionalidade ilimitada, mas seus problemas, sua inconclusividade e suas dificuldades. O homem comum tem que descobrir e inventar caminhos para superá-los.

Esse é o nosso cotidiano de trabalho, como veremos a seguir.

## **6. SERVIÇO SOCIAL E COTIDIANO PROFISSIONAL**

O Serviço Social tem como objeto de trabalho a questão social em suas múltiplas e diferenciadas expressões. Conforme Marilda Iamamoto:

[...] a questão social é mais que as expressões da pobreza, miséria e “exclusão”. Condensa a banalização do humano, que atesta a radicalidade da alienação e a invisibilidade do trabalho social – e dos sujeitos que o realizam – na era do capital fetiche. A subordinação da sociabilidade humana às coisas [...] retrata, na contemporaneidade, um desenvolvimento econômico que se traduz como barbárie social. (IAMAMOTO, 2007, p. 125, grifo no original).

A atuação da profissão da (o) assistente social se modifica e sofre redefinições com as mudanças dos contornos da “questão social”, mas se trata de uma atuação sempre referida aos processos de criação de condições fundamentais para a reprodução social da vida das classes (YAZBEK, 2009).

Diante dos retrocessos nas políticas públicas no país, ganham evidência as defesas de alternativas privatistas para a “questão social”, crescem as ações no campo da filantropia e as organizações não governamentais, sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, envolvidas na construção de uma esfera de interesse público, não estatal. Nesse contexto, o modelo de Estado neoliberal proposto é um “modelo” que redefine suas ações sociais e que, de acordo com nossas políticas sociais, revela-as distantes da universalidade: com uma direção compensatória e seletiva centrada em situações limite em termos de sobrevivência, seu direcionamento aos mais pobres, incapazes de competir no mercado, apelando para a solidariedade e se colocando como parceiro em suas responsabilidades sociais, a fim de redesenhar as ações sociais e as políticas em geral (YAZBEK, 2009).

Ainda nos defrontamos com o legado da subordinação do social ao econômico. O social constrangido pelo econômico. O social refilantropizado, despoliticizado e despublicizado.

## **7. ALGUNS DESAFIOS AO SERVIÇO SOCIAL**

As políticas anticrise de raiz liberal são parte de um projeto de classe destinadas a restaurar e consolidar o poder do capital, privatizando lucros e socializando custos. Alarga-



se a distância entre ricos e pobres, radicalizando as desigualdades sociais e as lutas contra a mesma.

Grandes são os desafios para os profissionais na contemporaneidade, pois, como aponta Iamamoto (2017),

[...] o exercício da profissão é *tensionado pela compra e venda da força de trabalho especializada do assistente social*, enquanto trabalhador assalariado, determinante fundamental na autonomia do profissional, impregnando essa atividade dos constrangimentos do trabalho alienado [...] *O clássico dilema entre causalidade e teleologia, entre estrutura e ação do sujeito* (IAMAMOTO, 2017, p.27-28, grifos no original).

A autora ainda prossegue

A possibilidade de imprimir uma direção social ao exercício decorre da relativa autonomia de que dispõe o assistente social. *Essa autonomia é dependente da correlação das forças econômica, política e cultural em nível societário* e se expressa, de forma particular, nos distintos espaços ocupacionais construídos na relação com sujeitos sociais determinados (IAMAMOTO, 2017, p.28, grifos no original).

Em relação a essa autonomia, cabe-nos algumas indagações sobre o nosso trabalho profissional: Qual é o valor desse trabalho? Como mensurar o valor das nossas ações? Nosso trabalho está oportunizando o acesso ao direito? Qual o impacto atribuído às nossas ações profissionais? Qual o significado da realidade vivida para as pessoas que atendemos? Como construir ações profissionais em conjunto com as pessoas que atendemos?

Não devemos nos esquecer de que o projeto ético-político da profissão não tem função transformadora sem o nosso projeto ético-político pessoal. O que sustenta a nossa vida profissional e as nossas ações é a nossa identidade pessoal.

Como alguns desafios para o Serviço Social no século XXI, encontram-se a preocupação em afirmar a profissão e as particularidades de sua intervenção em face dos novos contornos da questão social e dos novos padrões de regulação com que se defrontam as políticas sociais.

## CONSIDERAÇÕES

De acordo com as questões apresentadas no texto, o profissional tem um grande caminho a percorrer, mas como afirma Yazbek (2009), o Serviço Social brasileiro, que se defronta com complexas transformações societárias, não está desprovido de qualificações, tratando-se de uma profissão que alcançou a maturidade e que vem se constituindo em interlocução privilegiada em seus diversos espaços de ação.

É hora de acumular forças no campo teórico e político para soldar a organização dos trabalhadores e fazer frente à vigorosa reação das forças regressistas. Como nos lembra Gramsci (1981, 1979, 2001), a criação de uma nova cultura — a *filosofa da práxis* — implica

na elaboração de um pensamento superior ao senso comum, coerente, com bases científicas sólidas (IAMAMOTO, 2017).

É preciso ultrapassar a análise do Serviço Social em si mesmo para situá-lo no contexto de relações mais amplas que constituem a sociedade capitalista, particularmente, no âmbito das respostas que essa sociedade e o Estado constroem (YAZBEK, 2009).

No cotidiano, e em nosso trabalho profissional, devemos procurar transformar a teoria em ação, compreendendo a essência do fenômeno que se apresenta nas demandas nos nossos espaços sócio-ocupacionais.

Finalizamos com uma reflexão sobre a vida cotidiana.

No dia a dia dos homens em que tanto adquirem quanto exercitam os seus conhecimentos, as suas habilidades, ideias e sentimentos [de modo que] é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

O cotidiano é permeado de múltiplas determinações. Devemos resgatar os laços de solidariedade, pois a criação de vínculos e a reciprocidade são indispensáveis para a sociedade humana. A única luta que se perde é aquela que se desiste!

Está posto o nosso desafio cotidiano de hoje e sempre!

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IANNI, Octavio. **Dialética e Capitalismo**. 3. ed. rev. e aum. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A ideia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

IAMAMOTO, Marilda, **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. 80 anos do Serviço Social no Brasil: a certeza na frente a história na mão. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 128, 2017.

KOSIC, Karel. **Dialética do concreto**. 6. reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social: Identidade e alienação**. 16ª ed., São Paulo: Cortez, 2016.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. Cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

YAZBEK, Maria Carmelita. **O significado sócio-histórico da profissão**. In: Serviço Social: Direitos Sociais e competências profissionais. Curso de Especialização à distância CFESS/ ABEPSS/ 2009.